A VIDA NÃO TERMINA AQUI

O que a fé cristã nos ensina sobre a morte, o mundo espiritual e a vida eterna

“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá.”
(João 11,25)

Introdução — A pergunta que um dia todos fazemos

Existe uma pergunta que acompanha a humanidade desde os tempos mais antigos:

O que acontece depois da morte?

Talvez essa pergunta pareça distante enquanto somos jovens, estamos saudáveis e ocupados com nossos projetos.

Mas um dia ela se aproxima.

Às vezes chega quando perdemos alguém que amamos.

Estamos diante de um corpo que conhecemos tão bem e percebemos, dolorosamente, que alguma coisa mudou.

A pessoa que conversava conosco não responde.

A mão que segurávamos já não retribui nosso toque.

A voz que conhecíamos silenciou.

Então surgem perguntas inevitáveis:

Onde está aquela pessoa?

Ela simplesmente deixou de existir?

A alma continua viva?

Ela sabe que rezamos por ela?

Ainda existe alguma ligação entre nós?

Por que a Igreja reza pelos falecidos?

Por que pedimos aos santos que rezem por nós?

Existem realmente anjos?

Existe um mundo espiritual?

O que acontece com a alma depois da morte?

Existe julgamento?

E o que a antiga tradição cristã quis dizer quando falou nos chamados “pedágios” da alma?

A fé cristã não responde a essas perguntas para satisfazer nossa curiosidade sobre o invisível.

Também não pretende fornecer um mapa detalhado do outro mundo.

A resposta cristã começa em uma Pessoa:

Jesus Cristo.

E começa em um acontecimento:

a Ressurreição.

Antes de perguntarmos o que existe depois da morte, precisamos olhar para o túmulo vazio.

Porque o coração da esperança cristã não está numa teoria sobre a imortalidade.

Está em Cristo Ressuscitado.

1. A morte não teve a última palavra

Os discípulos viram Jesus morrer.

Viram a Cruz.

Viram seu corpo ser colocado no túmulo.

Para eles, humanamente, tudo parecia terminado.

Mas ao terceiro dia aconteceu aquilo que transformaria para sempre a compreensão cristã da vida e da morte:

Cristo ressuscitou.

Por isso São Paulo escreve:

“Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé.”
(1 Coríntios 15,14)

O Cristianismo não anuncia simplesmente que a alma sobrevive.

Anuncia algo ainda maior:

Cristo venceu a morte.

A morte continua sendo dolorosa.

Continuamos chorando diante do túmulo.

O próprio Jesus chorou diante da morte de Lázaro.

Portanto, chorar não significa falta de fé.

Sentir saudade não significa duvidar da Ressurreição.

O cristão pode chorar.

Pode sofrer.

Pode sentir profundamente a ausência de quem ama.

Mas seu luto não precisa ser um luto sem esperança.

São Paulo escreve:

“Não queremos, irmãos, deixar-vos na ignorância a respeito dos que adormeceram, para que não vos entristeçais como os outros, que não têm esperança.”
(1 Tessalonicenses 4,13)

Observe: o Apóstolo não diz que não devemos nos entristecer.

Ele diz que não devemos nos entristecer **como quem não possui esperança**.

Essa diferença muda tudo.

2. Então, o que é a morte?

Na compreensão cristã, a morte não significa que a pessoa deixou de existir.

Ela representa a separação entre a alma e o corpo.

Por isso as Escrituras utilizam diferentes imagens para falar da morte.

Falam em partida.

Em deixar esta habitação.

Em adormecer.

São Paulo declara:

“Tenho o desejo de partir e estar com Cristo.”
(Filipenses 1,23)

Cristo também ensina:

“Ele não é Deus de mortos, mas de vivos, porque para Ele todos vivem.”
(Lucas 20,38)

Essa frase é extraordinária:

para Deus, todos vivem.

Quando alguém que amamos morre, perdemos sua presença visível.

Perdemos a convivência como a conhecíamos.

Perdemos o abraço.

A conversa.

O sorriso.

A presença à mesa.

Mas aquela pessoa não desapareceu diante de Deus.

Por isso, para a fé cristã, o cemitério não é um depósito daqueles que deixaram de existir.

É também lugar de esperança.

A própria palavra tradicional **dormição** expressa essa confiança.

Quem dorme espera despertar.

E a Igreja espera a ressurreição.

3. A Igreja não termina na porta do cemitério

Aqui encontramos uma das mais belas dimensões da fé cristã.

A Igreja não é formada somente por aqueles que vemos reunidos dentro do templo.

Existe a Igreja peregrina, formada pelos que ainda percorrem sua jornada nesta vida.

E existe a Igreja celestial.

Mas não são duas Igrejas independentes.

Existe **um só Corpo de Cristo**.

São Paulo escreve:

“Vós sois o Corpo de Cristo e, individualmente, membros desse Corpo.”
(cf. 1 Coríntios 12,27)

A morte modifica nossa maneira de estar presentes uns aos outros, mas não possui poder para destruir o Corpo de Cristo.

Por isso São Paulo pode afirmar:

“Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor.”
(Romanos 14,8)

Essa verdade ajuda-nos a compreender algo fundamental:

a morte muda a maneira da presença, mas não destrói nossa pertença a Cristo.

4. A oração é a respiração da Igreja

O texto cristão tradicional que inspira esta reflexão apresenta uma imagem muito bonita:

a oração é como a respiração da Igreja.

Isso merece ser guardado.

Enquanto a Igreja vive, ela reza.

Reza louvando.

Reza agradecendo.

Reza pedindo perdão.

Reza pelos enfermos.

Reza pelos aflitos.

Reza pelos que sofrem.

Reza pelos vivos.

E reza também pelos que partiram desta vida.

São Paulo ensina:

“Orai sem cessar.”
(1 Tessalonicenses 5,17)

São Tiago escreve:

“Orai uns pelos outros.”
(Tiago 5,16)

A oração cristã nunca é somente individual.

Quando dizemos **Pai nosso**, e não simplesmente “Pai meu”, já reconhecemos que comparecemos diante de Deus como parte de uma família.

Por isso a oração atravessa distâncias.

Podemos rezar por alguém que está em outro país.

Podemos rezar por alguém que está num hospital.

Podemos rezar por alguém que nem sabe que estamos rezando.

E a Igreja crê que a morte também não destrói essa comunhão de amor em Cristo.

5. Por que rezamos pelos falecidos?

Essa é uma pergunta frequente.

Se alguém morreu, por que continuar rezando?

A resposta começa no amor.

Porque o amor não termina diante do túmulo.

São Paulo escreveu:

“O amor jamais passará.”
(1 Coríntios 13,8)

Quando uma pessoa que amamos está doente, rezamos por ela.

Quando atravessa uma dificuldade, rezamos.

Quando está longe, rezamos.

Então por que nosso amor deveria tornar-se silencioso justamente quando ela atravessa a morte?

A Igreja continua colocando aquela pessoa diante da misericórdia de Deus.

Essa prática não nasceu recentemente.

O Segundo Livro dos Macabeus testemunha a oração pelos falecidos e relaciona essa oração à esperança da ressurreição (cf. 2 Macabeus 12,43-46).

E desde os primeiros séculos encontramos a memória dos falecidos na oração litúrgica da Igreja.

As antigas Liturgias cristãs testemunham essa prática.

A Igreja não pretende controlar Deus através dessas orações.

Ela faz algo muito mais simples:

entrega seus filhos à misericórdia daquele que os conhece completamente.

Rezamos porque amamos.

Rezamos porque esperamos.

Rezamos porque confiamos.

6. O que podemos fazer quando alguém que amamos morre?

Muitas vezes, diante da morte, sentimos uma profunda impotência.

Gostaríamos de fazer alguma coisa.

Mas já não podemos conversar como antes.

Não podemos abraçar.

Não podemos cuidar fisicamente daquela pessoa.

A fé nos ensina que ainda podemos:

rezar.

Podemos dizer:

“Senhor, recebe teu servo em tua misericórdia.”

Podemos participar da Divina Liturgia.

Podemos pedir que seu nome seja lembrado.

Podemos praticar uma obra de misericórdia em sua memória.

Podemos agradecer a Deus pela vida que compartilhamos.

Podemos perdoar aquilo que ainda precisa ser perdoado dentro de nós.

Podemos entregar a Deus aquilo que não conseguimos resolver enquanto aquela pessoa estava conosco.

Isso pode ser profundamente restaurador.

Existem despedidas que não conseguimos fazer.

Palavras que não pronunciamos.

Perdões que chegaram tarde.

Conversas que nunca aconteceram.

A oração não altera o passado.

Mas pode ajudar-nos a colocar o passado diante da misericórdia de Deus.

7. E por que pedimos aos santos que rezem por nós?

Outra pergunta muito comum é:

“Se posso rezar diretamente a Deus, por que pedir a oração dos santos?”

A resposta começa com algo simples:

Sim, podemos e devemos rezar diretamente a Deus.

Mas fazemos outra coisa diariamente.

Pedimos também:

“Reze por mim.”

São Paulo fazia isso.

Ele escreveu:

“Irmãos, orai por nós.”
(1 Tessalonicenses 5,25)

São Tiago ordena:

“Orai uns pelos outros.”
(Tiago 5,16)

Quando pedimos a alguém que reze por nós, não estamos substituindo Deus.

Estamos vivendo a comunhão.

Então surge outra pergunta:

Se aqueles que morreram em Cristo continuam vivos diante de Deus, por que deixariam de amar?

E se continuam amando, por que deixariam de rezar?

A comunhão dos santos nasce dessa compreensão.

Os santos não ocupam o lugar de Cristo.

Cristo continua sendo o centro.

Toda verdadeira intercessão existe nEle.

8. Os santos são nossa família em Cristo

Às vezes imaginamos os santos como personagens muito distantes, pertencentes a outro tempo.

Mas a Igreja os compreende como nossos irmãos e irmãs na fé.

Pessoas que lutaram.

Sofreram.

Caíram e levantaram.

Oraram.

Amaram.

Serviram.

Alguns entregaram a própria vida por Cristo.

Outros viveram silenciosamente a santidade.

A Carta aos Hebreus oferece uma imagem belíssima:

“Vós vos aproximastes do monte Sião e da cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, de miríades de anjos... e dos espíritos dos justos que chegaram à perfeição.”
(cf. Hebreus 12,22-23)

A Igreja terrestre não caminha sozinha.

Existe uma grande família em Cristo.

Por isso veneramos os santos.

Não os adoramos.

Adoração pertence somente a Deus.

Honramos neles aquilo que a graça de Deus realizou.

Aprendemos com sua vida.

Pedimos suas orações.

E desejamos chegar onde eles chegaram:

à comunhão plena com Deus.

9. E a Mãe de Deus?

Entre todos os santos, a Igreja honra de maneira especial a Virgem Maria, a **Theotokos — Mãe de Deus**.

Por quê?

Porque seu lugar está inseparavelmente ligado ao mistério da Encarnação.

Foi dela que o Verbo recebeu verdadeiramente nossa humanidade.

Ela respondeu ao chamado de Deus:

“Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra.”
(Lucas 1,38)

E o próprio Evangelho registra:

“Todas as gerações me chamarão bem-aventurada.”
(Lucas 1,48)

A Igreja não coloca Maria no lugar de Cristo.

Ao contrário.

Toda verdadeira veneração à Theotokos aponta para Cristo.

Ela é honrada precisamente porque é Mãe daquele que é nosso Senhor, Deus e Salvador Jesus Cristo.

E, como fazemos com os demais santos, pedimos:

“Santa Mãe de Deus, intercede por nós.”

10. Existem realmente anjos?

Sim.

Os anjos fazem parte da Revelação bíblica.

Eles não são deuses.

São criaturas espirituais.

Servidores de Deus.

A própria palavra **anjo — ángelos (ἄγγελος)** significa mensageiro.

Encontramos anjos em toda a história bíblica.

Gabriel anuncia à Virgem Maria o nascimento de Cristo.

Anjos proclamam aos pastores:

“Glória a Deus nas alturas.”

Anjos aparecem junto ao túmulo vazio.

Cristo também fala dos anjos.

A Carta aos Hebreus pergunta:

“Não são todos eles espíritos servidores, enviados para servir em favor daqueles que hão de herdar a salvação?”
(Hebreus 1,14)

A tradição da Igreja fala também do **Anjo da Guarda**, reconhecendo a providência e o cuidado de Deus em nossa caminhada.

Mas precisamos conservar o centro:

não colocamos nossa confiança nos anjos em lugar de Deus.

Os anjos servem a Deus.

E toda verdadeira ação angélica conduz à vontade divina.

11. Existe também um combate espiritual?

A Sagrada Escritura não apresenta o mundo espiritual apenas como realidade de luz.

Ela também fala da existência do mal espiritual.

São Paulo escreve:

“Nossa luta não é contra sangue e carne, mas contra os principados, contra as potestades... contra os espíritos do mal.”
(cf. Efésios 6,12)

São Pedro adverte:

“Vosso adversário, o diabo, anda ao redor como leão que ruge, procurando a quem devorar.”
(1 Pedro 5,8)

Mas esse ensinamento precisa ser compreendido com equilíbrio.

O cristão não deve viver procurando demônios em toda parte.

Nem todo problema é provocado diretamente por uma ação demoníaca.

Nem toda doença possui origem espiritual.

Nem toda dificuldade é uma tentação extraordinária.

Existe também nossa própria fragilidade.

Existem nossas escolhas.

Existem consequências naturais.

Existem problemas psicológicos, sociais e físicos.

Existem nossas paixões desordenadas.

O combate espiritual acontece muitas vezes dentro do próprio coração.

Quando lutamos contra:

o orgulho;

a mentira;

o egoísmo;

a inveja;

o ódio;

o ressentimento;

a crueldade;

a vaidade;

o desespero;

a falta de perdão.

Existe aqui uma consequência belíssima das palavras de São Paulo:

se nossa luta não é contra carne e sangue, então nosso próximo não deve ser transformado em nosso inimigo absoluto.

Podemos combater o erro sem odiar a pessoa.

Podemos estabelecer limites sem desejar sua destruição.

Podemos defender a verdade sem perder a caridade.

12. A melhor defesa espiritual

Algumas pessoas ficam excessivamente preocupadas com o mal.

Querem conhecer nomes de demônios.

Procuram sinais em tudo.

Vivem com medo.

Essa não é a espiritualidade que devemos cultivar.

A melhor defesa do cristão é permanecer unido a Cristo.

Vida de oração.

Participação nos Santos Mistérios.

Arrependimento.

Perdão.

Humildade.

Caridade.

Leitura das Escrituras.

Vigilância sobre os próprios pensamentos.

São Paulo utiliza a imagem da **armadura de Deus**:

verdade;

justiça;

fé;

salvação;

Palavra de Deus;

oração.

(cf. Efésios 6,13-18)

Observe como o Apóstolo não ensina curiosidade sobre as trevas.

Ensina a **viver na luz**.

Essa é a diferença.

13. O que acontece imediatamente depois da morte?

Aqui entramos em um mistério sobre o qual precisamos falar com humildade.

A Igreja afirma aquilo que recebeu da Revelação, mas não pretende descrever aquilo que Deus não revelou detalhadamente.

A morte não é aniquilação.

A alma permanece consciente diante de Deus.

Cristo diz ao ladrão arrependido:

“Hoje estarás comigo no Paraíso.”
(Lucas 23,43)

A Carta aos Hebreus afirma:

“Está determinado que os homens morram uma só vez, e depois disso vem o julgamento.”
(Hebreus 9,27)

A tradição cristã denomina esse encontro depois da morte de **Julgamento Particular**.

Não devemos necessariamente imaginar um tribunal terrestre transportado para o céu.

A linguagem humana utiliza imagens para falar de uma realidade que ultrapassa nossa experiência atual.

O essencial é compreender:

nossa vida possui significado eterno.

Nossas escolhas importam.

Nossa maneira de amar importa.

Aquilo que fazemos com nossa liberdade importa.

A morte coloca-nos diante da verdade de nossa existência e diante de Deus.

14. Devemos ter medo do julgamento?

A resposta precisa ser equilibrada.

O Evangelho não elimina a responsabilidade.

Cristo fala claramente sobre julgamento.

Mas o Juiz é o mesmo Cristo que procurou a ovelha perdida.

É aquele que perdoou pecadores arrependidos.

É aquele que comeu com publicanos.

É aquele que abriu os braços na Cruz.

É aquele que contou a parábola do filho pródigo.

Por isso o cristão não deve viver nem em presunção nem em desespero.

Não dizemos:

“Posso fazer qualquer coisa porque Deus é misericordioso.”

Mas também não dizemos:

“Meus pecados são maiores que a misericórdia de Deus.”

O caminho cristão é:

arrependimento e esperança.

São João escreve:

“Se confessarmos nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça.”
(1 João 1,9)

Enquanto existe vida, existe chamado à conversão.

15. E os chamados “pedágios da alma”?

Chegamos agora a um assunto presente em determinada literatura ascética cristã oriental.

Alguns textos antigos descrevem a passagem da alma após a morte utilizando a imagem dos chamados **“pedágios”**.

Esses relatos podem impressionar quem os lê pela primeira vez.

Por isso é fundamental fazer uma distinção.

Os pedágios não constituem um dogma da Igreja no mesmo sentido em que são dogmas a Santíssima Trindade, a Encarnação, a Ressurreição de Cristo ou a ressurreição dos mortos.

A própria tradição teológica que transmite esses relatos recomenda prudência na interpretação de suas imagens.

Não devemos imaginar necessariamente postos de cobrança literalmente localizados no céu, como se a alma percorresse uma estrada material.

Estamos diante de uma **linguagem ascética e pedagógica**, que procura tornar visível uma realidade espiritual.

Qual realidade?

Que o pecado possui consequências.

Que nossa vida será manifestada diante de Deus.

Que existe combate espiritual.

Que precisamos viver vigilantes.

Que o arrependimento não deve ser adiado indefinidamente.

E que necessitamos da misericórdia de Deus.

Portanto, não deveríamos transformar os “pedágios” no centro da fé cristã.

O centro é Cristo.

16. O que realmente precisamos saber sobre o outro mundo?

Existe uma curiosidade humana compreensível:

Como será?

Onde estaremos?

Como perceberemos o tempo?

Reconheceremos nossos familiares?

Como é o Paraíso?

Como será o julgamento?

Muitas dessas perguntas permanecem parcialmente envolvidas em mistério.

São Paulo reconhece:

“Agora vemos como por espelho, de maneira obscura; depois veremos face a face.” *(1 Coríntios 13,12)*

Isso nos ensina humildade.

A fé cristã não precisa inventar respostas para aquilo que Deus não revelou.

Sabemos o suficiente para caminhar.

Sabemos que Cristo ressuscitou.

Sabemos que a morte não é o fim.

Sabemos que pertencemos ao Senhor.

Sabemos que haverá ressurreição.

Sabemos que haverá julgamento.

Sabemos que somos chamados ao arrependimento.

Sabemos que Deus é justo.

E sabemos que Deus é misericordioso.

Isso é suficiente para orientar nossa vida.

17. A história ainda não terminou

Depois da morte, a história humana ainda aguarda sua consumação.

A esperança cristã não é simplesmente que nossa alma exista eternamente separada do corpo.

O Credo proclama algo muito maior:

“Espero a ressurreição dos mortos.”

Essa é uma verdade central.

O Cristianismo acredita na ressurreição.

São Paulo dedica grande parte de 1 Coríntios 15 a esse mistério.

Ele escreve:

“Semeia-se corruptível, ressuscita incorruptível.”
(1 Coríntios 15,42)

A salvação cristã envolve o ser humano inteiro.

Por isso esperamos a ressurreição dos mortos.

A morte separa temporariamente aquilo que Deus criou unido.

A ressurreição manifesta a vitória definitiva de Cristo.

18. Cristo voltará

O Credo proclama:

“E novamente virá com glória para julgar os vivos e os mortos, e seu Reino não terá fim.”

A Igreja vive entre dois grandes acontecimentos:

Cristo veio.

Cristo virá novamente.

Não sabemos o dia.

Não sabemos a hora.

E Cristo explicitamente nos adverte contra a pretensão de controlar esses tempos.

A atitude cristã diante da Segunda Vinda não deveria ser curiosidade ansiosa.

Deveria ser **vigilância**.

Viver de maneira que Cristo seja bem-vindo hoje.

Perdoar hoje.

Reconciliar-se hoje.

Amar hoje.

Converter-se hoje.

Servir hoje.

Porque a grande preparação para o encontro com Cristo amanhã é viver com Cristo **agora**.

19. O Juízo Final

No final da história haverá a ressurreição universal e o Juízo.

Cristo apresenta uma imagem profundamente séria em Mateus 25.

E algo chama nossa atenção.

Ele fala de fome.

Sede.

Estrangeiro.

Nudez.

Enfermidade.

Prisão.

E diz:

“Todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes.”
(Mateus 25,40)

Isso deveria transformar nossa compreensão do julgamento.

A preparação para a eternidade acontece também na maneira como tratamos as pessoas.

Aquele que queremos encontrar no céu está, de maneira misteriosa, diante de nós no necessitado.

Por isso a escatologia cristã não deveria afastar-nos da vida presente.

Deveria fazer-nos viver esta vida com maior responsabilidade e amor.

20. Céu e inferno: Deus leva nossa liberdade a sério

A fé cristã afirma a realidade da vida eterna e também a possibilidade trágica da separação de Deus.

Isso nos recorda que nossa liberdade possui seriedade.

Deus chama.

Deus oferece graça.

Deus procura.

Deus perdoa.

Deus convida.

Mas o amor não transforma a pessoa em objeto.

O amor chama uma resposta livre.

Por isso a vida presente possui enorme valor.

Cada dia pode ser oportunidade de conversão.

Cada reconciliação importa.

Cada ato de misericórdia importa.

Cada pedido de perdão importa.

Cada oração importa.

Cada gesto de amor importa.

Não porque estejamos tentando comprar o céu através de boas obras.

Mas porque nossas obras manifestam aquilo em que nosso coração está se transformando.

21. A esperança cristã diante do luto

Tudo isso precisa chegar ao coração de quem está sofrendo.

Quando perdemos alguém, a teologia não deveria transformar-se numa explicação fria.

Às vezes não precisamos de muitas palavras.

Precisamos de presença.

Precisamos chorar.

Precisamos rezar.

Precisamos permitir que a saudade exista.

Jesus chorou diante do túmulo de Lázaro.

Isso basta para sabermos que lágrimas e fé podem permanecer juntas.

Mas existe algo que podemos dizer ao coração enlutado:

A morte não apaga aquilo que foi vivido no amor.

Entregamos aquela pessoa a Deus.

Continuamos rezando.

Agradecemos por aquilo que recebemos através dela.

E esperamos.

Porque haverá reencontro em Deus.

Nossa esperança não está em nossa capacidade de compreender o outro mundo.

Nossa esperança está em Cristo.

22. A vida eterna começa agora

Talvez imaginemos a vida eterna apenas como aquilo que começa depois da morte.

Mas Jesus diz:

“Esta é a vida eterna: que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo.”
(João 17,3)

A eternidade começa a tocar nossa existência quando começamos a viver em comunhão com Deus.

Quando amamos.

Quando perdoamos.

Quando rezamos.

Quando participamos dos Santos Mistérios.

Quando praticamos misericórdia.

Quando encontramos Cristo no próximo.

Quando permitimos que a graça transforme nosso coração.

Então compreendemos que a preparação para a vida eterna não consiste em viver obcecado com a morte.

Consiste em **aprender a viver verdadeiramente**.

23. Não viva com medo. Viva preparado.

Existe uma diferença enorme entre essas duas atitudes.

O medo paralisa.

A vigilância desperta.

O medo pergunta:

“Quando vou morrer?”

A sabedoria pergunta:

“Como estou vivendo?”

O medo pergunta:

“Como serão os pedágios?”

A fé pergunta:

“Meu coração está reconciliado com Deus e com meus irmãos?”

O medo procura detalhes sobre o outro mundo.

O Evangelho chama-nos a amar neste mundo.

Não precisamos conhecer todos os mistérios da morte para começar a viver como cristãos hoje.

Precisamos amar.

Perdoar.

Arrepender-nos.

Reconciliar-nos.

Orar.

Servir.

Praticar misericórdia.

Participar da vida da Igreja.

Buscar a santidade.

E confiar em Cristo.

Conclusão — A última palavra é Ressurreição

Um dia nossa caminhada nesta terra chegará ao fim.

Nossos olhos se fecharão.

Nossa voz silenciará.

Nossas mãos deixarão de trabalhar.

Outras pessoas continuarão aquilo que começamos.

Mas, para a fé cristã, esse momento não será nossa aniquilação.

Será uma passagem.

Porque pertencemos Àquele que entrou na morte e saiu dela vitorioso.

Cristo ressuscitou.

E porque Cristo ressuscitou, a morte já não possui a última palavra.

Por isso visitamos nossos cemitérios com saudade, mas também com esperança.

Rezamos pelos que partiram.

Pedimos as orações dos santos.

Vivemos em comunhão com a Igreja.

Confiamos na misericórdia de Deus.

Esperamos a Ressurreição.

E procuramos preparar-nos não através do pânico, mas através de uma vida de conversão e amor.

Talvez ainda tenhamos muitas perguntas sobre aquilo que existe depois da morte.

A Igreja não pretende responder aquilo que Deus preferiu deixar no mistério.

Mas aquilo que nos foi revelado é suficiente.

Não caminhamos para o nada.

Caminhamos para um encontro.

E o Cristo que encontraremos é o mesmo que procurou a ovelha perdida.

O mesmo que acolheu os pecadores.

O mesmo que perdoou Pedro.

O mesmo que disse ao ladrão arrependido:

“Hoje estarás comigo no Paraíso.”

O mesmo que abriu os braços sobre a Cruz.

O mesmo que ressuscitou ao terceiro dia.

E talvez nenhuma imagem seja mais bela para terminar nossa reflexão do que aquela apresentada pelo próprio Jesus.

Um filho está voltando para casa.

Errou.

Afastou-se.

Perdeu-se.

Sofreu.

Finalmente reconhece sua situação e decide retornar.

Mas quando ainda está longe, o Pai o vê.

E o Evangelho diz:

“Seu pai o viu, encheu-se de compaixão e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou.”
(Lucas 15,20)

Essa imagem não elimina a necessidade de arrependimento.

O filho precisou levantar-se.

Precisou voltar.

Precisou reconhecer:

“Pai, pequei.”

Mas sua história não terminou no pecado.

Terminou nos braços do Pai.

Por isso, quando pensamos no mundo espiritual, na morte, no julgamento e na eternidade, não devemos perder de vista aquilo que está no centro de toda a fé cristã:

Cristo.

A última palavra não é pedágio.

A última palavra não é túmulo.

A última palavra não é morte.

A última palavra é Ressurreição.

E por isso a Igreja pode permanecer diante do mistério da morte e continuar confessando:

“Espero a ressurreição dos mortos e a vida do século futuro. Amém.”

A vida não termina aqui.

Na fé dos Apóstolos, no amor de Cristo.